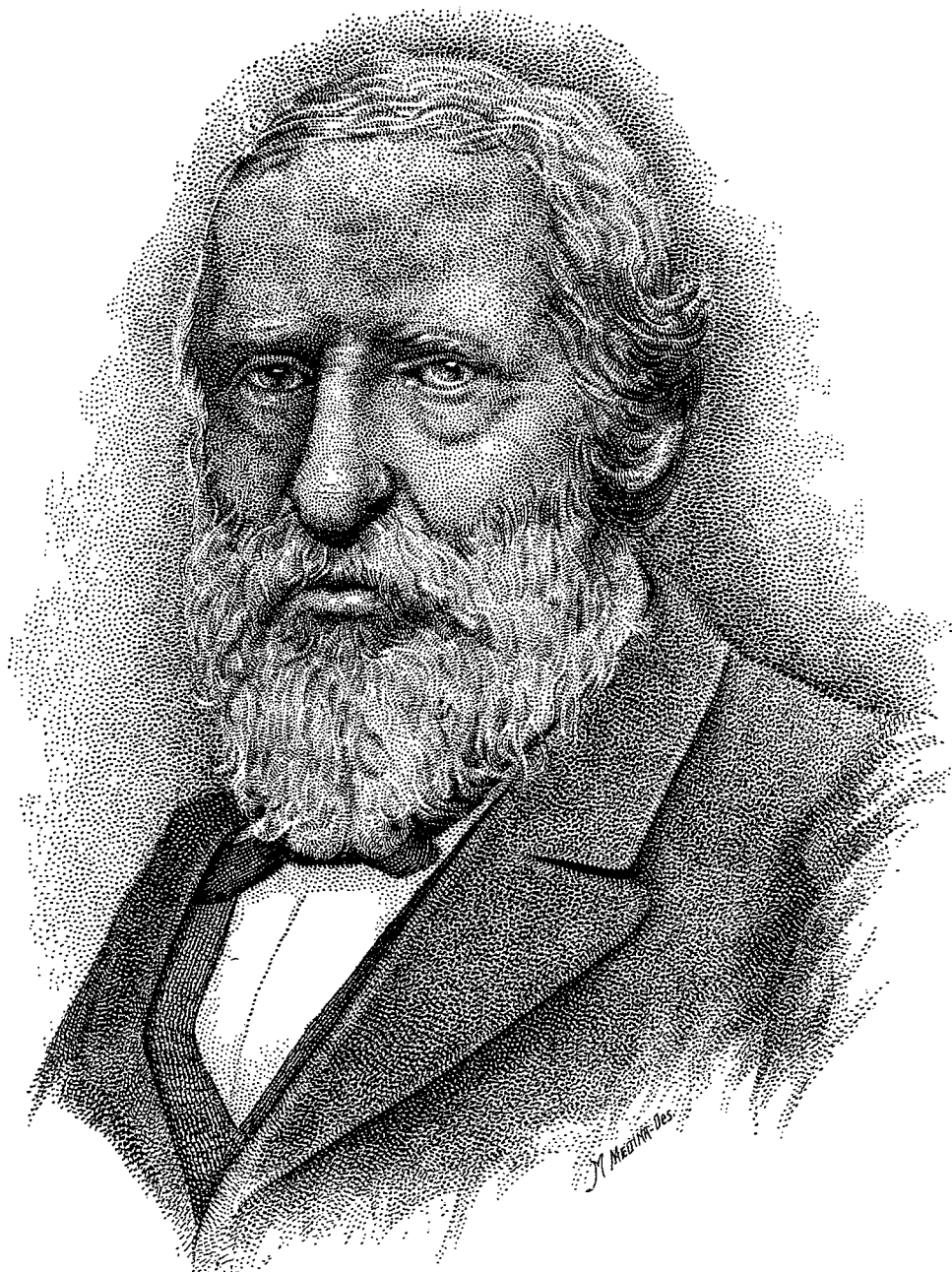


VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL



Paulo de Azevedo

BARÃO DE CAPANEMA

1824-1909

O casamento da Princesa D. MARIA LEOPOLDINA, Arquiduquesa da Áustria, com o Imperador do Brasil, D. PEDRO I, não foi, para o nosso país, um acontecimento político despido de conseqüências sociais e sem enorme repercussão no domínio da ciência.

Sob este último aspecto, diversos sábios europeus vieram ao Brasil atraídos por convite especial, e outrossim, pelo estudo de nossas riquezas naturais.

Um deles, foi o Dr. ROQUE SCHUCH, natural da Morávia, cientista e professor do Museu Imperial de Viena.

No Brasil, logo após a sua chegada, ocupou o cargo de bibliotecário da Casa Imperial e teve, também, a incumbência de conservar as suas coleções de mineralogia, botânica e numismática.

Casado com D. JOSEFINA ROTH, que conhecera na colônia de imigrantes suíços localizados em Nova-Friburgo, dela teve um filho — GUILHERME SCHUCH — mais tarde BARÃO DE CAPANEMA — que se afirmaria como eminente cientista e grande vulto da geografia do Brasil.

O pai de GUILHERME — Dr. ROQUE SCHUCH — amigo de vários sábios, então no Brasil, como SPIX, MARTIUS e ESCHWEGE, do qual era íntimo, foi quem transmitiu e despertou no futuro BARÃO DE CAPANEMA, o gosto pela ciência e pela pesquisa, preparando-lhe não só um ambiente adequado, mas também exercitando-o, desde os dez anos de idade, na prática de excursões pelo campo.

Dando-lhes pessoalmente a educação e ensinando-lhe, ao mesmo tempo, diversas línguas, como a francesa, a inglesa e a alemã; ministrando-lhe conhecimentos básicos, matemática, história e geografia; habituando-o a acompanhá-lo, desde criança, em suas excursões científicas; aproveitando-o como auxiliar no preparo de suas coleções, o Dr. ROQUE SCHUCH foi, com efeito, um grande pai que soube dar, exemplarmente, uma firme orientação ao filho, possibilitando-o a enfrentar a luta pela vida com absoluto êxito.

Nascido em 17 de janeiro de 1824, na freguesia de Antônio-Pereira, comarca de Ouro-Prêto, Minas-Gerais; crescido num ambiente maravilhoso — entre Santa-Bárbara e Sabará — o futuro BARÃO DE CAPANEMA viu desde criança e observou, na fazenda de Timbopeba — propriedade do pai — inúmeras cousas, entre as quais, as peças do maquinismo para as lavras de ouro, o perfil da serra do Gongo-Sóco, as águas do rio Gualaxo.

Nada o desviava da constante contemplação e observação da natureza.

Apenas vira, e uma única vez, o Imperador D. PEDRO I, isso mesmo em Cachoeira-do-Campo.

O término da missão científica de que se achava investido o Dr. ROQUE SCHUCH, em Minas-Gerais, com o seu conseqüente regresso ao Rio-de-Janeiro, abriram para o futuro BARÃO DE CAPANEMA, uma fase nova de vida permitindo-lhe o prosseguimento dos estudos em ampla escala.

Assim, enquanto o pai, na Côte, passou a ser o preceptor da Família Imperial, de D. PEDRO II, particularmente, e diretor do Museu, foi GUILHERME SCHUCH enviado à Europa a fim de estudar engenharia.

Tinha então 14 anos.

Na Europa, teve GUILHERME SCHUCH o auxílio precioso dos amigos do seu progenitor, principalmente de SPIX e MARTIUS, que o encaminharam nos estudos, em Munich.

Formado pela Escola Politécnica de Viena, voltou para o Brasil, nele sendo muito bem recebido pelo Imperador D. PEDRO II.

Aprovado no concurso para lente-substituto de Mineralogia, na Escola Central — depois Escola Politécnica — foi, após, nomeado para o respectivo cargo.

Regeu, em seguida, a cadeira de Física no mesmo estabelecimento.

Além de engenheiro pela Escola Politécnica de Viena, era, também, doutor em ciências físicas e matemáticas pela Escola Militar do Rio-de-Janeiro e professor da Academia de Belas-Artes.

Durante os trinta e oito anos em que, como funcionário público, serviu ao Brasil, GUILHERME SCHUCH se destacou sempre como um grande trabalhador.

A êle se devem inúmeras iniciativas e cabe, ao mesmo, a responsabilidade de vários e importantes trabalhos.

Três serviços pelo menos, celebrizaram-no: a fundação e organização da Repartição Geral dos Telégrafos — que geriu durante cerca de trinta anos — a participação eficiente na comissão oficial incumbida de estudar a zona litigiosa com a Argentina, e a descoberta de um preparado químico destinado ao combate às formigas, inimigas da nossa agricultura.

A êsses três serviços juntam-se as investigações realizadas com o sentido de solucionar o grave problema das secas em nossa região nordestina.

Mas a lista dos trabalhos e iniciativas de GUILHERME SCHUCH é, na realidade, muito maior.

Ao BARÃO DE CAPANEMA se devem, por exemplo, as primeiras estações meteorológicas do Brasil e foi êle quem presidiu pelo espaço de dez anos, a comissão organizada para a introdução, no Brasil, do sistema métrico decimal.

Além disso, realizou inúmeras excursões científicas, sobretudo, geológicas e botânicas e, no estrangeiro, representou o nosso país na Conferência Telegráfica de Berlim. Por outro lado, deu cabal desempenho às suas funções de chefe da Comissão de Limites com a República Argentina.

Em virtude dos relevantes serviços prestados ao país, foi agraciado com o título de barão e condecorado com as comendas das ordens de Cristo e da Rosa.

Segundo a sua biografia escrita pelo Dr. ERNESTO SENA e publicada no Anuário de Minas-Gerais, ano IV, 1911, o Dr. GUILHERME SCHUCH, diante da dificuldade existente

em Minas para bem pronunciarem o seu nome alemão, resolveu adotar o de CAPANEMA, tirado de uma serra e povoado existentes naquela então província nas cercanias de Ouro-Prêto

Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio do Instituto Fluminense de Agricultura, foi também, o BARÃO DE CAPANEMA, fundador da Sociedade de Estatística

No Instituto Histórico permaneceu até a morte, pelo prazo de 61 anos tendo sido admitido sócio em 18 de outubro de 1848

No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — de que era o decano — a atuação de CAPANEMA em prol da geografia foi sempre meritória

Em sua Revista publicou vários trabalhos de valor e em suas sessões sempre aventou questões da maior importância para a geografia brasileira

No tomo XXII, 1859, publicou, por exemplo, uma memória relativa às tradições, ou vestígios geológicos que nos levam à certeza de ter havido terremotos no Brasil,bordando no decurso da mesma, acres comentários à atuação de certos viajantes, pseudo-cientistas, que andaram pelo Brasil "tidos por alguma cousa quando absolutamente nada valem"

A propósito, torna-se ainda oportuno destacar o trecho em que se manifestou do seguinte modo: "É de lastimar que no Brasil onde se pensa tanta cousa boa e grandiosa, ainda se não tenha cuidado em preparar os elementos para uma exploração científica, de que tanta unidade tiraríamos, quando mais não fôsse, o sermos tratados com consideração, e não com desprezo pelo estrangeiro, a quem até hoje ainda se deve o que a ciência tem descoberto sobre este vasto império Digo preparar os elementos, porque mandar vir os exploradores munidos de cabedal científico de pouco servirá, pois esses homens têm outra língua, outros hábitos, e outra natureza muito diferente da nossa De modo que os habitantes do interior lhe repugnam, no que ficam pagos com usura, e até chegam a ser vítimas de sua excentricidade"

Na 2ª parte do tomo LVIII, 1895, lê-se o relatório em que comunica ao Instituto, a série de importantes trabalhos levados a efeito pela Comissão Especial nomeada com o encargo da organização da Bibliografia Geográfica Brasileira, escrevendo: "Por aí vêdes que o programa é vastíssimo, sendo executado à risca, será de valor incontestável para a administração pública, podendo trazer aos seus cofres economia de milhares de contos de réis; evitando que se mande executar segunda e terceira vez trabalhos já feitos, mas cuja existência se ignora, ou não se sabe onde param"

No texto do referido relatório, CAPANEMA demonstrou uma visão extraordinária do importantíssimo papel da geografia como auxiliar da administração, expendendo conceitos que ainda hoje se poderiam classificar como modernos

Espirito dinâmico e polimórfico, CAPANEMA era um sedento de saber e um investigador profundo, mesmo no campo da história Em sessão de 26 de abril de 1889, leu no Instituto Histórico e Geográfico, um importante trabalho relativo a um sistema de viação existente em época muito remota, talvez anterior ao descobrimento do Brasil, no território das Missões, onde estivera em 1897 Mas, onde splende como sábio investigador é justamente no campo de geologia de que foi incontestavelmente um dos nossos maiores mestres

Auxiliar, em 1849, de FREDERICO LEOPOLDO CÉSAR BURLAMAQUI, diretor em 1847 da Secção de Mineralogia e Geologia do Museu Nacional, GUILHERME SCHUCH CAPANEMA, antes de haver atingido o baronato, e mesmo depois, deixou várias memórias sobre petrografia, a decomposição das rochas em clima tropical, os terremotos antigos no Brasil, os sambaquis, a origem da seca do Nordeste, os depósitos fosfatados de Fernando-Noronha, etc., tendo sido o primeiro — como escreveram AVELINO DE OLIVEIRA e OTON LEONARDOS — a combater a hipótese de AGASSIZ de uma glaciação geral sul-americana

GUILHERME SCHUCH DE CAPANEMA faleceu no Rio-de-Janeiro, a 28 de julho de 1909, com a idade de 85 anos, tendo deixado as seguintes publicações:

Dissertação sobre o método de divisão de Horner e sua aplicação à álgebra Rio-de-Janeiro, 1848, in-8

Quais as tradições ou vestígios geológicos que nos levam à certeza de ter havido terremotos no Brasil: memória lida na sessão do Instituto Histórico de 24 de novembro de 1854 — Vem na Revista trimestral, tomo 2º, págs. 135 a 159

Algumas observações acerca da influência exercida pelos progressos do homem sobre a vegetação e o aspecto fisionômico dos países que êle habita: memória oferecido ao Instituto Histórico a 21 de setembro de 1848

Trabalhos da comissão científica de exploração Relatório da comissão geológica Rio-de-Janeiro, in 4º — Foi este relatório publicado com o da comissão geológica (Veja-se Manuel Ferreira Lagos).

Relatório sobre a fábrica de ferro de Ipanema Rio-de-Janeiro, 1864, 37 págs in-fol — Fôra o autor encarregado pelo govêrno de um exame da dita fábrica, exame com que se restaurava esse estabelecimento já abandonado.

Exame do mapa do Amazonas, levantado pela comissão de demarcação de limites com o Pará Pará, 1865, in-fol — Assinam também este trabalho H. L. DOS SANTOS WERNECK e M. A. VITAL DE OLIVEIRA

Decomposição dos penedos no Brasil: lição popular proferida em 25 de junho Rio-de-Janeiro, 1866, 32 págs in 8º — Esta lição foi feita por ocasião de achar-se no Brasil o célebre AGASSIZ

Apontamentos geológicos (ao correr da pena) Rio-de-Janeiro, 1868, 80 págs in 8º Cana de açúcar: memória lida na sessão do Imperial Instituto de Agricultura na noite de 30 de julho de 1867, etc Rio-de-Janeiro, 1867, 7 págs in 8º

Algumas palavras sobre os Telégrafos e Ministério das Obras Públicas no Brasil. Rio-de-Janeiro, 1869, 42 págs in-fol de 3 cols — É uma reimpressão de artigos já publicados no Jornal do Comércio

Relatório da inspecção geral dos Telégrafos no ano de 1869, apresentado ao Exmo Sr. DIOGO VELHO CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE, ministro, etc Rio-de-Janeiro, 1870, 54 págs in-fol — Como este há vários relatórios, correspondentes aos outros anos, publicados nos relatórios do Ministério da Agricultura

Apontamentos sobre as secas do Ceará Rio-de-Janeiro, 1878, in-4º A questão de limites — No livro Pretensões argentinas na questão de limites com o Brasil Estudos dos Srs J. A. DE FREITAS e BARÃO DE CAPANEMA publicado no Rio-de-Janeiro, 1893, de págs 23 a 100 com vários desenhos intercalados no texto

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA